

AMARO AMARAL E AMENO RESEDÁ: OS FIGURINOS DA CORTE CELESTIAL, EM 1912

*Amaro Amaral and Ameno Resedá:
the costumes of the heavenly court, in 1912*

Madson Oliveira; Pós-Doutor Artes Visuais; EBA/UFRJ;
madsonluis@yahoo.com.br¹

Resumo

Apresentamos o desdobramento da pesquisa de Pós-Doutorado realizada no PPGAV EBA/UFRJ. Analisamos três aquarelas-figurinos criadas pelo desenhista Amaro Amaral para o rancho Ameno Resedá, no ano de 1912. Esse desfile representou um avanço pela maneira como os temas eram apresentados, transformando-se em modelo para as futuras escolas de samba.

Palavras chave: Artes visuais; carnaval; figurinos; arte; artista.

Abstract

Here is the unfolding of Postdoctoral research conducted in PPGAV EBA / UFRJ . Analyze three watercolors - costumes created by designer Amaro Amaral to the ranch Ameno mignonette , in the year 1912. This parade was an advance by the way the issues were presented , becoming a model for future samba schools.

Keywords: Visual arts, carnival, costumes, art, artist.

Introdução

Há alguns anos, temos pesquisado sobre o carnaval e, mais especificamente, a criação de figurinos carnavalescos. Entre 2013 e 2014, tivemos a oportunidade de conhecer e pesquisar sobre o artista visual Amaro Amaral. Ele era desenhista e caricaturista para jornais e revistas, no Rio de Janeiro, desde o início do século XX até o ano de sua morte, em 1922.

Na pesquisa realizada sobre a produção desse artista, descobrimos que ele contribuiu para outras linguagens que nos interessa sobremaneira, o figurinismo. Ademais, chegamos à sua produção artística mais vanguardista, levando em consideração o período em questão: figurinos desenhados para o carnaval.

Em outras publicações, exploramos algumas pranchas desenhadas para o desfile do rancho Ameno Resedá, em 1913. No entanto, nessa apresentação,

¹ Professor Adjunto do Curso de Artes Cênicas: Indumentária – EBA/UFRJ e PPGAV-EBA/UFRJ.

selecionamos três aquarelas desse mesmo artista criadas para o préstito do ano de 1912, quando o título foi “A Corte Celestial”.

Esses três desenhos fazem parte de um montante de 57 aquarelas de Amaro Amaral que se encontram sob a guarda do Museu do Ingá, em Niterói-RJ, desde a década de 1970. Recentemente, essas pranchas foram redescobertas, restauradas e mostradas ao público, quando tomamos contato com todo o universo que as rodeia.

Entendemos que o processo de criação de figurinos não possui uma única metodologia, modelo e inspiração, por isso mesmo apresentamos esses exemplos de como o ofício de figurinismo já existia, muito antes de ser assim conhecido. No caso de Amaro, acrescenta-se ainda a finalidade da criação que era o carnaval, especialmente reconhecido no meio carioca.

Esperamos contribuir com a área do design, moda, figurino ao desvendar as aquarelas aqui mostradas e o *modus operandi* de um artista múltiplo e, ao mesmo tempo, desconhecido que atuava nas artes gráficas, no início do século XX.

Para tanto, descrevemos o cortejo de 1912 e apresentamos o rancho Ameno Resedá, como ponto de partida para chegarmos às aquarelas-figurinos.

1912 e o cortejo celestial para o Ameno Resedá

Atualmente, o carnaval carioca tem duas principais expressões que o colocam em evidência, no período momesco: os blocos de rua e as Escolas de Samba. Enquanto os blocos desfilam pela cidade de maneira relativamente espontânea, as Escolas de Samba se destacam em desfiles competitivos, de diferentes níveis, envolvendo altas cifras e profissionais de diversas áreas no campo das artes, sendo transmitido para várias partes do mundo.

Há cem anos, as expressões carnavalescas não eram assim tão organizadas como atualmente, convivendo concomitantemente blocos, cordões, ranchos, etc., no período de Momo. O cronista Vagalume expôs que com a noção de “pequeno carnaval”, buscava-se diferenciar o carnaval do começo do século XX, “formado pelas camadas mais baixas da população” – que constituíam os cordões, os ranchos, os blocos e, posteriormente, as

escolas de samba – do “grande carnaval”, que data da metade do século XIX (GONÇALVES, 2007, pp. 61-2), representado exclusivamente pelos grandes clubes ou grandes sociedades.

Os ranchos eram grupos aparentemente mais civilizados, que permitiam e incentivavam a participação de mulheres. Além do mais, a música cantada era acompanhada por instrumentos de cordas e de sopro, afora de ter um elemento identificador empunhado alto e em destaque, o estandarte. Organizando toda essa dinâmica era preciso a presença dos seguintes mestres: de harmonia, responsável pela música tocada; de canto, encarregado da música cantada (coro) e, por fim, de sala, que se ocupava da coreografia e acompanhava a porta-estandarte (GONÇALVES, 2007).

Assim, entendemos que os ranchos carnavalescos desfilavam cantando e dançando por ruas predeterminadas no Rio de Janeiro. O rancho Ameno Resedá surgiu de uma reunião de amigos, no ano de 1907 com seu primeiro desfile em 1908, até o ano de 1941. No primeiro ano de desfile, esse rancho chamou atenção, por evitar os temas luso-africanos (muito comuns até então) e pelo cuidado estético dos figurinos (OLIVEIRA, 2014).

É interessante notar a participação de Amaro Amaral, como um dos baluartes da agremiação, uma vez que passou a contribuir com seu talento, desde o início daquele rancho. Assim, Amaro é inscrito como desenhista, numa lista de pessoas que, como ele, passaram a ser associados ao rancho. Na grande maioria, eram funcionários públicos, jornalistas ou, como no caso de Amaro, ligados à imprensa e às artes gráficas (EFEGÊ, 1965, p. 40).

Sabemos pouco sobre a vida de Amaro do Amaral, Amaro Amaral ou somente Amaro. Mas descobrimos que ele nasceu em Pernambuco, em 1875 e depois de uma passagem pela Bahia, onde contribuiu para jornais, se instalou no Rio de Janeiro definitivamente em 1902, tendo passado um tempo antes em Paris. Amaro participou de alguns periódicos no Rio de Janeiro, mas a partir de 1903 passou a se dedicar à criação das capas para o suplemento semanal do Jornal do Brasil, a Revista da Semana. Era irmão de dois artistas - Crispim do Amaral (cenógrafo, desenhista, caricaturista) e Libânio do Amaral (pintor e cenógrafo) - e faleceu ainda relativamente jovem, aos 47 anos, em 1922 (OLIVEIRA, 2014).

Após contextualizarmos sobre parte da carreira artística de Amaro, passamos para o ponto central dessa comunicação: a produção das aquarelas-figurinos destinadas à criação de figurinos carnavalescos. Antes, é importante esclarecer que aquilo que entendemos como figurinos carnavalescos são também tratados como “fantasias”, “roupas”, “roupagens”, “vestuário”, entre outras tantas denominações encontradas nos livros e periódicos consultados. Preferimos a denominação “figurinos carnavalescos” para diferenciar dos “figurinos teatrais”, também experimentados por Amaro. Optamos pelo termo “figurino carnavalesco” em vez de “fantasia”, por acreditarmos que os figurinos carregam uma simbologia essencial para seu entendimento, assim como eles fazem parte de um contexto ficcional e representam, visualmente, aquilo que foi descrito, quando de sua concepção. O termo “fantasia” é vago podendo se referir a outras interpretações, enquanto os “figurinos” se prestam informar sua significação através de cores, formas, texturas, materiais e símbolos, reconhecíveis pela grande maioria (OLIVEIRA, 2014).

Em 1912, o Ameno Resedá desfilou pelas ruas do Rio de Janeiro o enredo sobre o Sistema Planetário, intitulado “Corte Celestial”, com personagens vestindo figurinos que representavam o Sol, a Lua, Netuno, os Satélites, e, claro, uma referência à passagem do cometa Halley pela órbita da Terra, em 1910, amplamente noticiada pela imprensa da época. Desse préstito, o “Jornal do Brasil”, de 8 de junho de 1912, p. 9, anunciou “A grande Victoria”, num baile para aquela mesma noite, a ser realizado na sede daquela agremiação carnavalesca, situada à Rua Correia Dutra, 131, conforme:

“Esta apreciada sociedade carnavalesca, que tão brilhante figura fez durante as últimas festas dedicadas a Momo, para festejar a victoria que obteve, oferece hoje aos seus sócios e convidados uma linda festa, em homenagem ao artista Sr. Amaro do Amaral pelo apurado gosto que revelou no preparo dos figurinos.

Pela leitura do ‘puff’ publicado na seção competente poderão ajuizar os leitores o que vae ser o baile de hoje no Ameno Resedá”.

O carnaval do ano de 1912 deveria ter acontecido entre 17 e 20 de fevereiro. No entanto, excepcionalmente nesse ano, houve duas datas para o carnaval (oficial: 17 a 20 de fevereiro e adiado: 09 a 11 de abril), por conta da

morte do célebre Barão do Rio Branco, em 11 de fevereiro (MORAES, 1958, p. 155).

Pesquisando em periódicos da época, encontramos uma descrição detalhada do desfile de 1912, e para essa apresentação nos importa sobremaneira, uma vez que é a partir dela que relacionamos os personagens que desfilaram naquele ano com as aquarelas de Amaro Amaral.

Para essa apresentação, especificamente, mostramos os três primeiros personagens elencados pela matéria jornalista do jornal “Gazeta de Notícias”, de 9 de abril de 1912, p. 9, uma vez que seria impossível mostrar na íntegra, todos os desenhos de Amaro, conforme:

“AMENO RESEDÁ’

[...]

O seu préstito era assim:

1 – Comissão de Frente composta dos Srs. Oscar Ferreira, Henrique Jacques, Adalberto P. de Souza, Albino de Moraes, Alberto Rodrigues Corrêa, e rigorosamente vestidos de ‘Modern Incroyable’, representando as cores da sociedade.

2 – Corpo de ‘astrólogos’ dos que mais se celebrisaram nas descobertas astronômicas, representados pelo Srs. Felisberto Ferreira, Alarico Patrocinio, Francisco Carlos da Costa, João Eulalio Reis, Pedro Mendes de Vasconcellos e João Carlos da Costa.

3 – O famoso ‘Halley’, cavalgando o seu pavoroso cometa no dorso da terra; desempenhava o papel desse notável astrônomo o provectoro bailarino Juvenal Nogueira [...].”

É necessário explicar que havia grande importância na parte plástico-visual dos ranchos, uma vez que o público que acompanhava o desfile podia identificar os pontos-chaves da “história contada”.

Nesse sentido, encontramos uma aproximação entre os desfiles de carnaval e os espetáculos teatrais, pelo entendimento transmitido nos figurinos, por exemplo. Como bem descreve EFEGÊ (1965, p. 105), as apresentações do rancho Ameno Resedá mereceram a devida comparação com as apresentações teatralizadas, não só pela musicalidade, mas, também, pela abordagem plástico-coreográfica, conforme:

“Não se suponha, que apenas de sua qualidade canora, sua musicalidade, cuidava com requintado esmero. Com foros de ‘teatro lírico ambulante’, na classificação justa e merecida que lhe dera a imprensa, o rancho atentava com igual capricho para as alegorias e

vestimentas necessárias à exatidão dos enredos apresentados em seus desfiles”.

Feita essa primeira explicação, passamos para o grupo de aquarelas-figurinos criadas por Amaro Amaral para o préstito de 1912, que analisamos. Assim, o grupo de imagens a seguir (Figuras 01, 03 e 04) é composto por três personagens com referências à indumentária histórica, mas também em figuras carregadas de simbologias, como vemos abaixo:

a) Aquarela “Comissão de Frente”

Tomando por base a descrição do jornal “Gazeta de Notícias”, de 9 de abril de 1912, o desfile começa com a Comissão de Frente que era composta por cinco componentes daquele rancho, vestidos de *Modern Incroyable*, no trio de cores da agremiação: verde, amarelo e grená. A Figura 01 mostra o croqui dessa Comissão de Frente que passamos à análise.

Figura 01: Aquarela da Comissão de Frente: “Modern Incroyable”. Fonte: Museu do Ingá



A proposta desse figurino, de cima para baixo, é encabeçada por uma cartola branca. Eles usavam camisa branca de colarinho alto e babado, do tipo *jabot*, no abotoamento e nos punhos. Por cima da camisa, um colete amarelo fechado com um botão e golas largas. Uma casaca de cor grená estava presa com botões no colete e possuía longa cauda na parte de trás, sendo aberta na frente e mais curta do que nas costas. Os punhos da casaca são largos,

virados e amarelos. Um calção verde chega à altura dos joelhos. Complementando a descrição, o personagem usa meias brancas (por dentro do calção) e sapatos pretos com laços no peito do pé. Um laço de fita vermelho prende a meia na altura do joelho. O personagem usa luvas brancas: uma está calçada, enquanto segura a outra do par na mão esquerda.

Conseguimos identificar no personagem acima uma referência à indumentária masculina do século XIX, comumente associada à figura histórica de Napoleão Bonaparte. As casacas dessa época eram extremamente curtas na parte da frente, enquanto possuíam cauda na parte de trás, além de golas altas e com abas largas. A camisa de dentro também possuía colarinho alto e babado, que enfeitava verticalmente o abotoamento frontal. As calças desse período eram, geralmente, brancas e esticadas. O chapéu bicórnio, o uso das luvas e o formato da casaca podem ser observados na Figura 02, retirada de um livro de história da indumentária, datada de 1805.

Figura 02: Indumentária masculina do século XIX. Fonte: HILL, Margot Hamilton; BUCKNELL, Peter



b) Aquarelas “Astrólogos”

O grupo de figuras a seguir se refere ao “Corpo de ‘astrólogos’ dos que mais se celebrizaram nas descobertas astronômicas (Figura 03). De acordo com o jornal “Gazeta de Notícias”, de 9 de abril de 1912, p. 9, os seis

participantes descritos na matéria jornalística usavam variações de um mesmo modelo de figurino, alterando as cores, conforme informações escritas na própria prancha (“1. Roxo... verde; 2. Verde escuro... rosa; 3. Carmezim... ouro; 4. Azul... azul-claro; 5. Preto... vermelho; 6. Grená... verde-claro”), a seguir.

Figura 03: Aquarelas “Astrólogos”. Fonte: Museu do Ingá



O figurino é composto por: um chapéu pontudo e alto, além de cabelos longos e brancos, demonstrando idade avançada para remeter à experiência; uma túnica longa e mangas compridas e largas nos punhos; um telescópio, como adereço de mão; meias brancas e sapatos fechados e pretos com fivela prateada no peito do pé. Tanto a túnica como o chapéu possuem as mesmas cores com aplicações (ou pinturas estampadas) de “motivos celestiais” (lua, estrela, sol). No caso dessa aquarela, especificamente, as cores predominantes são o roxo e o verde, sendo o roxo como a maior massa de cor, enquanto o verde serve como debrum, na aba do chapéu, nos punhos das mangas e na barra da túnica, além da faixa que faz às vezes de cinto largo. Mas, como alertamos anteriormente, havia outras combinações, seguindo a mesma distribuição de cores exposta nessa aquarela.

c) Aquarela “O resplandecente cometa descoberto e cavalgado por Halley”

A terceira imagem desse cortejo, Figura 04, é composta por um personagem central e curioso, no início do século XX, pois se tratava de uma representação sobre a passagem do cometa Halley pela órbita da Terra, em 1910. No entanto, o desenhista optou por representar o personagem histórico associando a sua descoberta ao cometa que foi batizado com o seu sobrenome, Halley.

Halley ficou assim conhecido como um cometa brilhante que, periodicamente, retorna às regiões do Sistema Solar, com intervalos que variam de 74 a 79 anos. Apesar de esse cometa ter a mesma órbita do sol, ele se dirige na direção oposta aos outros planetas, com órbita que se estende para além da órbita de Netuno. Essa descoberta foi realizada pelo astrônomo e matemático britânico Edmond Halley, no ano de 1696. Halley foi o primeiro astrônomo a teorizar sobre os cometas, como objetos periódicos. Ele previu, por exemplo, que no ano de 1758 um cometa cruzaria o Sistema Solar e devido a essa previsão, em sua homenagem, o cometa passou a ser chamado Cometa Halley (<http://www.infoescola.com/astronomia/cometa-halley/>).

Figura 04: Aquarela representando o Cometa Halley. Fonte: Museu do Ingá



A Figura 04 é talvez a mais interessante dessas aquarelas, pois representa, ao mesmo tempo, Edmond Halley e o próprio cometa de mesmo nome, que teria passado pela órbita da Terra em 1910 e, em 1912, prestou-se a ilustrar, muito apropriadamente, um enredo sobre a Corte Celestial. A “figura dramática” condensa numa só imagem o descobridor e o cometa, sendo o astrônomo “cavalcando” o cometa, como se ele dominasse aquele corpo celeste. Na proposta, o personagem é um senhor que lembra o grupo de “astrólogos”, descrito anteriormente, com chapéu debruado por uma faixa vermelha, pontudo e azul com desenhos de lua e estrelas. Ele veste uma espécie de túnica também azul-marinho contornado de debrum vermelho, assim como uma faixa vermelha na cintura. O personagem está “montado” numa bola que representa o planeta Terra, no qual percebemos o globo terrestre finalizado por uma simulação de nuvens brancas, na barra. Observamos que essa figura está em pé, mas há outro par de pernas falsas por cima da “Terra”, enquanto as pernas verdadeiras podem ser notadas abaixo das “nuvens”. Na mão direita, o personagem segura uma espécie de luneta ou telescópio dourado. Na outra mão, segura a rédea presa a uma estrela prateada de cinco pontas, com cauda flamejante. A ideia dessa criação demonstra o astrônomo dominando o cometa perigoso, ao descobrir a periodicidade e as características que compunham aquele corpo celeste.

É importante notar que Amaro integrou o brincante ao figurino, numa espécie de “burrinha”, em que o figurino ultrapassa a dimensão corpórea. Esse tipo de figurino, geralmente, é apoiado nos ombros, tem um volume grande e carrega algum peso, diferentemente daqueles confeccionados somente com tecido e aviamentos.

Outra observação cabe nesse espaço: esse figurino se assemelha à silhueta do figurino anterior e imediatamente descrito, aquele referente aos astrólogos. Ambos têm o mesmo formato: túnicas longas com mangas fartas; chapéus altos e pontudos; sapatos pretos fechados com fivela; adereços: óculos pequenos e lunetas douradas. Isso se deve ao fato de Edmond Halley ser o célebre astrônomo que possivelmente inspirou Amaro em representações daqueles que se preocuparam em estudar e desvendar os mistérios do Universo. Mas, dessa vez representado o figurino do descobridor do Halley

com cores diferenciadas e acrescentando uma gola ricamente franzida – o rufo -, para lhe dar maior destaque.

Considerações finais

Encontramos vários motivos que, possivelmente, inspiraram Amaro Amaral, ao criar essas aquarelas, em que o tema central do cortejo era o grupo de elementos celestiais, como: sol, lua, estrelas, etc.

Os três personagens analisados nessa comunicação fazem parte de dois grandes motivos: indumentária histórica e figurinos associativos. Enquanto a comissão de frente vestia figurinos claramente inspirados na indumentária histórica masculina do início do século XIX, as outras duas figuras não seguiram essa regra, estando mais ligadas a associações simbólicas, tendo como direcionador o tema central do préstito: os astros, o cometa Halley e o próprio Edmond Halley, que deu nome ao cometa.

Assim, o processo de criação das aquarelas-figurinos de Amaro para o desfile de 1912, se assemelha ao processo de criação de figurinos ao longo dos tempos, ao relacionarmos os elementos que serviram de inspiração com as silhuetas, formas, cores, texturas e simbologias também presentes nos trajes das aquarelas analisadas. Ademais, os figurinos propostos por Amaro, anos antes do surgimento das Escolas de Samba, já experimentavam o poder catártico das vestes e promoviam uma teatralização nos seus préstitos, promovendo a suspensão do tempo ordinário.

É importante ressaltar que essas três pranchas estão devidamente rubricadas por Amaro, com uma assinatura particular em forma de desenho, em que as letras de seu primeiro nome formam um arranjo gráfico, dispondo as letras verticalmente. Essa assinatura lembra um rosto humano, ou uma autocaricatura, na qual identificamos o contorno de um rosto formado pela primeira letra “A”, a formação dos olhos pelo cruzamento das linhas da letra “M”, o nariz e a boca são formados pelas letras “M, A e R”, enquanto a finalização do queixo tem como base a letra “O”, de acordo com as observações de LIMA (1963, p. 1130).

Nessa comunicação, apresentamos um artista pouco conhecido, além de contribuirmos para o estudo dos figurinos carnavalescos, uma vez que o valor estético dessas aquarelas-figurinos impressiona pela proporção/volume das figuras representadas; pela técnica de desenho/pintura; pelo uso adequado das cores; enfim, pela arte de seu trabalho.

Acreditamos que Amaro Amaral antecipou, em anos, muito do que vemos atualmente no carnaval carioca, transformando sua criatividade em desenhos possíveis de serem reproduzidos, assim como o próprio Ameno Resedá, acabou fazendo, tornando-se referência ainda hoje.

Referências Bibliográficas

EFEGÊ, J. **Ameno Resedá: o rancho que foi escola**. Rio de Janeiro: Letras e Artes Ltda., 1965.

GONÇALVES, R. de S. **Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2007.

LIMA, H. **História da Caricatura no Brasil**. Vol. 3. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963.

MORAES, E. **História do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

OLIVEIRA, M. L. G. de. **A criação dos figurinos para o rancho Ameno Resedá, por meio da análise das aquarelas realizadas por Amaro do Amaral, em 1913**. Rio de Janeiro: PPGAV-EBA-UFRJ (Relatório final da pesquisa), 2014.

<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

“Gazeta de Notícias”, de 9 de abril de 1912, p. 9, acesso em 22 set. 2013.

“Jornal do Brasil”, de 8 de junho de 1912, p. 9, acesso em 15 out. 2013.

“O Paiz”, de 3 de fevereiro de 1913, p. 2, acesso em 18 set. 2013.

PACIEVITCH, Thais. “Cometa Halley”. In: <http://www.infoescola.com/astronomia/cometa-halley/>. Acesso em 01 abr. 2015.